

TOMO V  
N.º 29

# Seleções do Reader's Digest

OUTUBRO  
DE 1973

Condensações de artigos de interesse permanente

Copyright © 1973 de Seleções do Reader's Digest (Portugal) S.A.R.L.



## Quem Realmente Descobriu a América?

Descobertas surpreendentes provam  
que os continentes americanos atraíram  
muitos visitantes da Antiguidade,  
dois mil anos antes de Cristóvão Colombo

THOMAS FLEMING

**E**RA O ANO 531 a. C. Cenário:  
a costa do Brasil, cerca de  
250 km ao norte do atual Rio  
de Janeiro. Um frágil veleiro, com  
25 metros de comprimento, passava  
cautelosamente pela foz do Rio  
Paraíba do Sul. De pé, na popa,  
havia um homem barbado, de torso  
nu, sob o calor tropical, com uma  
veste multicolor cobrindo-lhe o resto  
do corpo. No convés, diante dele,  
onze homens e três mulheres lhe  
imploravam que navegasse de volta

à terra natal. Inflexível, o chefe  
ordenou ao escriba do navio que  
inscrevesse a seguinte mensagem  
numa pedra, e a enterrasse na  
margem do rio:

*«Somos cananeus sidônios, da  
cidade do Rei Mercador. Viemos  
dar a esta terra distante, uma terra  
de montanhas. Sacrificamos um  
jovem aos deuses e deusas celestiais,  
no 19.º ano de nosso poderoso  
Rei Hirã, e embarcamos em  
Ezjongeber, no Mar Vermelho.*

*Viajamos com dez navios, e estivemos juntos no mar durante dois anos, em torno da África. Fomos então separados pela mão de Baal, e nos perdemos de nossos companheiros. Assim viemos ter aqui, doze homens e três mulheres, a esta «Ilha de Ferro». Serei eu, um almirante, um homem que irá fugir? Não! Que os deuses e deusas celestiais nos favoreçam!»*

A história dos navegadores da cidade de Sidon, no Mediterrâneo, que chegaram à América do Sul 2.023 anos antes de Colombo, não é ficção científica; é um fato. Não sabemos o que aconteceu ao almirante e sua tripulação, mas, há cem anos, a pedra gravada foi encontrada por um grupo de trabalhadores, e uma cópia da mensagem foi enviada ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, para ser traduzida. O Instituto mandou certos da mensagem à maior autoridade em língua semítica, então viva, um francês chamado Ernest Renan, que a considerou falsa — porque, sabe-se agora, tinha lido e interpretado mal o texto que recebera.\*

Não se falou mais na mensagem até 1967, quando ela chamou a atenção de Cyrus Gordon, chefe do Departamento de Estudos do Mediterrâneo da Universidade Brandeis. Em seu livro *Antes de Colombo*, Gordon conta como descobertas recentes de antigas expressões semíticas lhe permitiram decifrar a mensagem perdida por tanto tempo, e estabelecer sua autenticidade. Por exemplo, a «mão de Baal», significando o destino ou a vontade divina, foi encontrada numa inscrição fenícia de Chipre, estabelecendo-a como frase semítica. (A referência do almirante ao Brasil, como «Ilha de Ferro», esclarece Gordon, indica um conhecimento prévio de uma das maiores riquezas naturais do país — as ricas reservas de ferro do Estado de Minas Gerais.)

Embora esta pedra seja a evidência mais remota de travessias transatlânticas, antes do nascimento de Cristo, os arqueólogos e cartógrafos históricos têm reunido, em anos recentes, uma imensa quantidade de provas que fundamentam a existência de movimentadas rotas

---

\* Apesar disso, a sentença de Renan lançou um estigma de descrédito sobre a mensagem: o Imperador Pedro II, que pretendia patrocinar a pesquisa sobre o assunto, retirou subitamente o seu apoio; e tanto o Marquês de Sapucaí, diretor do Instituto, quanto Ladislau Netto, um de seus jovens assistentes — e que se dedicara ao estudo do hebreu e do fenício com o fito de decifrar a mensagem — abandonaram a idéia de traduzi-la.

Outro ponto duvidoso relacionado à inscrição era o de que Joaquim Alves da

Costa, em cuja propriedade a pedra fora encontrada, nunca mais foi visto, pois, em sua carta ao Instituto, ele se limitava a mencionar um lugar chamado Pouso Alto (muito comum no Brasil), e, com isto, nunca se pôde determinar a exata localização de sua propriedade. Daí, a pedra em si nunca ter sido examinada por um perito, e tudo o que resta dela é a cópia da inscrição, feita pelo filho de Joaquim Alves da Costa. Eis porque a mensagem ficou no esquecimento durante quase um século. (*Nota do editor.*)

oceânicas entre o Velho e o Novo Mundo nos primórdios da história. Da Guatemala, veio um defumador de incenso, com a cabeça esculpida de um homem, cujo nariz adunco, a barba classicamente entalhada e estranhamente sereno, o identificam claramente como semita. E, no entanto, esta cabeça foi feita por índios maias durante o primeiro período clássico (300-600 d. C.). Entre outras descobertas na América Central, há cabeças esculpidas de negros, uma prova visível de intercâmbio entre a África e o Novo Mundo, centenas de anos antes da histórica viagem de Colombo.

Aparentemente, nem mesmo o vasto Pacífico foi uma barreira para os ousados marinheiros do Japão e da China. Os arqueólogos têm encontrado cerâmica japonesa de cinco mil anos de idade no Equador. Estudantes de literatura chinesa traduziram a narrativa de um monge budista chamado Hœi-shin, que afirma ter viajado para a China, em 499 d. C., partindo de uma terra a vinte mil milhas chinesas para leste. A narrativa de Hœi descreve detalhadamente muitos costumes das civilizações do México e da América Central, particularmente os da tribo maia conhecida como os itzas. Alguns arqueólogos observaram que as pirâmides dos itzas e as dos templos do Camboja têm semelhanças inconfundíveis.

Os cartógrafos têm aumentado substancialmente as descobertas dos arqueólogos. O mapa do almirante turco Piri Reis, feito em 1513, foi

baseado em mapas da grande biblioteca de Alexandria, destruída pelo fogo por volta de 640 d. C. Distingue-se por uma representação precisa da costa norte da Antártida e da costa leste da América do Sul, e situada à distância correta da África. Tal mapa só poderia ter sido desenhado por um cartógrafo que soubesse como determinar a longitude, o que Colombo e a sua geração de nautas, com seus instrumentos imperfeitos, não podiam calcular.

Há provas de que gregos e romanos estiveram entre os que viajaram para a América. Em 1961, foi descoberta por arqueólogos numa pirâmide em Calixtlahuaca, México, uma cabeça esculpida, datando de cerca de 200 d. C., e de óbvia origem romana. O ferro trabalhado, desenterrado numa fazenda no Estado de Virgínia, nos Estados Unidos, tem grande semelhança com o ferro antigo, grego e romano, feito com a mistura de carvão e minério, numa bateia, aquecido numa fornalha, martelado e aquecido de novo para remover impurezas. Algumas taças de bronze, desenterradas com os restos de ferro, são notavelmente semelhantes às das ruínas de Pompéia. Na década de 1880, a descoberta de um túmulo em Bat Creek, no Tennessee, fez aparecer nove esqueletos e uma pedra gravada com uma escrita que, na época, se pensou ser *cherokee*. Agora, os arqueólogos identificaram a inscrição como sendo escrita hebraica de cerca de 200 d. C.

Um dos motivos pelos quais essas provas de antigas travessias oceânicas nos deixam atônitos é que quase todos temos uma idéia imperfeita dos navios da antiguidade. Inúmeras embarcações do período romano eram dez vezes maiores que a nau *Santa Maria* de Colombo, com suas cem toneladas, e comportavam até seiscentos passageiros. Navios chineses do período de Hwei-shin eram de tamanho similar, e faziam rotas regulares entre Cantão e a Índia, com escala nas Índias Orientais. Tais embarcações eram perfeitamente capazes de atravessar o Atlântico ou o Pacífico. Como Thor Heyerdahl provou, com sua jangada *Kon-tiki*,\* o Pacífico podia ser cruzado usando-se apenas as forças do vento e das correntes. As viagens do *Ra*, de Heyerdahl,\* também demonstraram que os egípcios podiam ter emigrado para as Américas Central e do Sul.

Muitos estudantes de cartografia e de literatura têm se reunido para pesquisar as aventuras transatlânticas de outra raça que viajava por mar, a dos *vikings*. Esses guerreiros violentos se estabeleceram na Islândia desde 874. Dali, um ousado marinheiro chamado Eirik Thorvaldsson Rauda (Eric, o Vermelho) viajou em direção oeste, e descobriu uma ilha que chamou de Groenlândia (Terra Verde). Convenceu os outros

a se juntarem a ele, para colonizar o extremo sul dessa ilha, cujos montes e vales, ricos em relva e flores, eram ideais para a instalação de algumas fazendas de gado leiteiro.

Duas colônias, que, em pouco tempo, tiveram alguns milhares de habitantes, floresceram na costa sudoeste da Groenlândia, por mais de quatrocentos anos e, dessas bases, várias gerações de escandinavos exploraram o continente da América do Norte. Sua saga, as vívidas histórias que contavam e que foram escritas, duzentos anos mais tarde, por escribas da Islândia, nos narram como um filho de Eric, Leif (o Feliz), velejou para oeste da Groenlândia, por volta do ano 1000, e descobriu Helluland, Markland e Vinland.

Helluland (terra plana e pedregosa) tem sido identificada como a Terra de Baffin, bem a oeste da Groenlândia. Markland (terra da madeira) é considerada pela maioria dos peritos como sendo o Labrador, com suas altas florestas. O mais controverso dos nomes de lugares descobertos por Leif é Vinland, que tem sido variadamente identificado como a Terra Nova, a foz do Rio São Lourenço, a Nova Escócia, o Norte da Nova Inglaterra, o Cape Cod ou a Virgínia. Em 1965, a Universidade de Yale entrou na controvérsia, publicando um mapa mundial medieval, que os estudiosos tinham comprovado ser autenticamente pré-colombiano. Mostrava uma terra chamada Vinland, a oeste da Groenlândia.

\*Ver «Kon-Tiki» e «As Viagens do Ra», publicados, respectivamente, em outubro de 1951 e dezembro de 1971.

Incitado pelo mapa de Yale e pelos inúmeros aspectos inexplicáveis da história dos escandinavos na América do Norte, James Enterline, antigo técnico de computador, devotou seis anos à pesquisa de mapas antigos em bibliotecas de toda a Europa e em viagens científicas à Groenlândia, Islândia e Territórios do Noroeste. Ele descreve suas descobertas no livro *América Viking*. Desde o começo da Idade Média, a maioria dos eruditos tem traduzido Vinland por «terra do vinho». Enterline estabeleceu que a palavra deveria ser traduzida por «terra de pastagens». Estudando os relatórios de exploradores das costas da Terra de Baffin e do extremo boreal da América do Norte, demonstrou que Vinland fica em algum ponto, ao longo da costa oeste da Baía Ungava, ao norte de Quebec, um lugar em que os prados são cobertos por uma vegetação espessa de líquen e relva, e onde vivem manadas de renas.

Algumas provas arqueológicas recentes sustentam velhas teorias de que os escandinavos penetram profundamente no continente americano. Perto do Lago Nipigon, em Ontário, no começo da década de 1930, por exemplo, um garimpeiro

descobriu uma sepultura com uma espada norueguesa, um escudo e um machado de guerra.

Essas descobertas significam que Cristóvão Colombo deveria ser eliminado da história? De modo algum. Thor Keyerdahl argumenta que as descobertas dos primeiros contatos do Velho Mundo com as Américas aumenta o valor da façanha de Colombo. Um estudo desta nova perspectiva torna claro que, em vez de errar em direção oeste, com fé cega em seu destino, Colombo se preparou para sua expedição épica, estudando mapas históricos, consultando marinheiros durante viagens à África e à Inglaterra. A descoberta de Colombo, diz Keyerdahl, «resultou de trabalho mental e planejamento meticuloso».

Talvez a conclusão mais importante que possamos tirar desse emaranhado de provas fascinantes seja a de que a raça humana nunca foi realmente tão isolada em seus continentes e ilhas, como costumávamos acreditar. Parece que, por milhares de anos, este globo sempre foi um Só Mundo, e que, desde há muitas gerações, tem havido intercomunicação entre os povos da Terra, por maiores que tenham sido as distâncias que os separavam.



UM ANCIÃO falava acerca dos esfomeados Anos Trinta e contava como esses dias tinham sido duros e como ele então estava falido. Resumiu tudo dizendo: «Ora, nesse tempo podia dar-se a volta ao mundo por vinte e cinco centavos, e eu não tinha sequer dinheiro para desaparecer de vista.»

— Art Evans, em Edmonton, Alta., *Journal*